

Aspectos do tolstoísmo na Literatura Brasileira: Lima Barreto e João Antônio

Resumo: Este texto apresenta elementos do pensamento de Leão Tolstói na formação de dois escritores brasileiros Lima Barreto e João Antônio. Ambos os autores almejavam, por meio do fazer literário, colaborar para a formação de um homem e de um mundo melhor. Pode-se afirmar que o escritor carioca revela diretamente a relação de suas idéias com as de Tolstói. Por sua vez, João Antônio não se posiciona sobre o tolstoísmo, mas aspectos dessa filosofia podem ser verificados em sua visão de mundo e de literatura. Esse encontro de ideais entre três autores de tempos, espaços e contextos históricos diferentes contribui para o entendimento sobre a importância e a atualidade do pensamento tolstoísta.

Palavras-chave: João Antônio, Lima Barreto, Tolstói, Literatura Russa, Literatura Brasileira.

Abstract: This text presents elements of the thought of Leo Tolstoy in the formation of two Brazilian writers, Lima Barreto and João Antônio. Both the authors had longed for, by means of literary making, to collaborate for the formation of a man and a better world. It can be affirmed that the Carioca writer directly discloses the relation of its ideas with the ones of Tolstói. In turn, João Antônio does not position itself about the tolstoísmo, but aspects of this philosophy can be verified in its vision of world and literature. This meeting of ideals between three authors of different times, spaces and historical contexts contributes for the agreement on the importance and the present time of the tolstoyism thought.

Keywords: João Antônio, Lima Barreto, Tolstoy, Russian literature; Brazilian literature.

Sei que zomba do meu amor pela Natureza e pelos rouxinóis [...], mas para mim isso conduz à religião. Cada ser tem o seu próprio caminho, um caminho desconhecido que não se pode descobrir senão nas profundidades da alma...

Tolstói¹

Em 1881, relata o biógrafo francês Boris Metzger², o escritor russo Leão Tolstói (1828-1910) converte-se à sua própria doutrina religiosa, o tolstoísmo, esta que tem como preceito basilar as máximas cristãs de não resistir ao mal pela violência e amar ao próximo como a si mesmo. Essa nova forma de pensamento leva Tolstói a procurar a elevação espiritual, entre outros caminhos, através da simplicidade e do contato com os camponeses. Contando com o respaldo de aristocrata e do reconhecimento de seu nome como grande romancista russo – autor de *Guerra e Paz* e *Ana Karenina* entre outras obras –, sua doutrina almeja a transformação do homem por meio das elevações moral e espiritual e alcança repercussão mundial. A partir do momento da sua conversão mística, o pensador russo renega suas obras literárias anteriores, pois para ele os seus textos de cunho doutrinal são os que proporcionam reais contribuições à humanidade. A liberação dos direitos autorais de suas obras posteriores a 1881 configura-se como uma das explicações para o fato de suas idéias chegarem a diversos países.

É possível verificar que a repercussão do ideário tolstoísta mostrou-se profícua, provocando debates na França, Índia, Espanha, Portugal entre outros países durante o final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. O principal fator que desperta o interesse de intelectuais, filósofos e escritores estrangeiros para com essa doutrina circunscreve-se à valorização do homem preconizada pelo tolstoísmo. As palavras de Tolstói oferecem parâmetros humanísticos essenciais para uma sociedade global que começa a ruir a essencialidade humana em nome do capitalismo. Nessa época, esse modelo econômico inicia seus primeiros passos rumo à mais valia do dinheiro em desfavor do homem e começa a impulsionar o fetiche do objeto de consumo. A exploração das classes subalternas, advinda da escravidão e servidão de períodos anteriores, se torna mais intensa com o advento da industrialização e o estabelecimento de padrões consumistas, tanto em países da Europa Central quanto da Rússia.

Esse cenário preconizava a exploração humana pela miséria como um fator natural – preceito inclusive defendido pela Ciência da época que sustentava a lei do mais forte como inerente à própria existência, uma espécie de darwinismo economicista – e influí sobremaneira nas concepções de Tolstói que não admite a subserviência de muitos em

nome do luxo e riqueza de poucos. Essa é a sua grande luta e a base de sua doutrina. Dessa maneira, seu discurso corajoso denuncia as atrocidades do Estado czarista de maneira direta e origina inúmeras polêmicas de cunho social, político e humano, tornando seu nome reconhecido e relevado em várias partes do mundo.

À parte das críticas a alguns preceitos do tolstoísmo como a abstenção sexual, a priorização do desenvolvimento individual em detrimento do coletivo, a total condenação da civilização moderna, a arte como preceito de sentimentos religiosos entre outros fatores, é ponto pacífico entre seus comentadores a afirmação de que o tolstoísmo foi fundamental por questionar o topo das organizações sociais e preconizar a valorização do homem marginalizado.

Um dos primeiros críticos brasileiros a tratar sobre a obra de Tolstói e do tolstoísmo foi José Veríssimo no texto "Tolstoi", originalmente publicado em jornal em 1900. Alguns dos aspectos ressaltados por esse crítico em relação ao tolstoísmo são o amor superior pelo homem enquanto essência divina e as denúncias contra os abusos de poder cometidos pela classe dominante. Veríssimo não apresenta considerações sobre a repercussão do tolstoísmo em solo brasileiro, mas consolida-se como um dos pioneiros nas reflexões sobre essa doutrina na imprensa brasileira.

Por sua vez, Brito Broca (1960) afirma que a divulgação das idéias de Tolstói no Brasil ocorreu de forma mais presente no início do século XX vinculada, principalmente, aos pensamentos anarquistas e socialistas. Semelhante viés ideológico é verificado nos escritos de Lima Barreto. O escritor carioca militou a favor da extinção do Estado assim como acusou a fragilidade das noções de pátria e de sociedade.

A seguir, apresentam-se as principais idéias sobre literatura e arte de Lima Barreto e João Antônio, buscando demonstrar a presença do tolstoísmo na formação de ambos os escritores. Além de localizar Lima Barreto como um dos primeiros escritores brasileiros a posicionar-se sobre as idéias de Tolstói, ressalta-se a invectiva de verificar como aspectos do tolstoísmo estão presentes no contexto literário brasileiro, pelo menos, até o final dos anos 90 do século XX na obra de João Antônio.

O tolstoísmo como matéria-prima da literatura

*É possível, sempre me pergunto...
que ninguém pense em ninguém
e que ninguém pergunte porquê?*
Padre Sérgio³

Na pesquisa em andamento, *João Antônio, leitor de Lima Barreto*⁴, estudam-se elementos que configuram a admiração do escritor paulistano pelo carioca. Em suas entrevistas, textos jornalísticos e literários, João Antônio (1937-1996) sempre coloca o nome de Lima Barreto (1881-1922) como expoente e precursor de uma literatura que se volta para a representação da ambiência e de personagens oriundos da zona de exclusão social. A obra *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (1977), de João Antônio, ilustra explicitamente a admiração incondicional do autor paulistano pela obra barretiana, além das dedicatórias ao escritor carioca presentes em seus livros.

Um dos temas da referida pesquisa, “O tolstoísmo nas literaturas de João Antônio e Lima Barreto”, investiga se João Antônio pode ser considerado tolstoísta, uma vez que essa vertente filosófica encontra-se explícita em alguns momentos da obra do escritor carioca. O autor paulistano, até onde se sabe, não chegou a pronunciar-se explicitamente sobre o tolstoísmo. Contudo, é possível observar declarações onde ele se reporta à literatura russa como elemento fundamental na sua formação intelectual. Os autores mais aludidos são Dostoiévski, Tchekov, Górkí e Tolstói. Para ilustrar, observe-se o lugar que João Antônio delimita aos russos em relação à produção de contos, gênero proficuamente presente em sua própria produção:

O conto é um gênero inexaurível, na própria afirmativa de um dos críticos de Alberto Moravia, Enzo Siciliano. Tão inexaurível quanto a vida – o ser, o existir, o tempo – que é feita de fluxos imprevisíveis. Estabelecer preferências é escusado, pois. E nada acrescenta. Só o que os russos fizeram... Gogol, Puchkin, Dostoiévski, Leon Tolstói, Lermontov, Gorki, Lieskov, Sologub, Turgueniev, Ivan Bunin, Isaac Babel, Wladimir Korolenko, Arcadio Averchenco, Leonidas Andreiev, Alexandre Kuprin e o outro Tolstói, Alexei Nicolaievitch Tolstói, K. Simonov... dentro e fora de um primeiríssimo escalão de literatura, os russos exoneraram [...]. (Antônio, 1976)

Lima Barreto igualmente nutre grande admiração pela literatura russa. Em sua produção, as duas obras mais citadas são *Crime e castigo* e *Recordações da casa dos mortos*, ambas de Dostoiévski. O escritor carioca refere-se a Tolstói também como exemplo de estética de alto teor humanístico. Isso pode ser verificado, por exemplo, no romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, publicado em 1919. O protagonista que nomeia este romance, ao tratar da necessidade de uma literatura brasileira que tematize a realidade do país, alude como modelo de grande arte literária, entre outros nomes, o do idealizador do tolstoísmo:

“- Quando tu verás, na tua terra um Dostoiévski, um George Eliot, um Tolstói - gigantes destes, em que a força de visão, o ilimitado da criação, não cedem o passo à simpatia pelos humildes, pelos humilhados, pela dor daquelas gentes donde às vezes não vieram - quando?” (Barreto, 1956a, p. 134).

Francisco de Assis Barbosa, em “Lima Barreto, precursor do romance moderno” (1981), destaca o interesse do escritor carioca pelas idéias tolstoístas afirmando:

[...] que os jovens fundadores da revista *Floreal* [da qual Lima Barreto foi idealizador]: “intitulavam-se ‘discípulos de Tolstói’ e ‘seguidores de Kropotkine’. E todos se declaravam dispostos a combater os mandarins da literatura, encastelados nos grandes jornais, escritores que pontificavam na Confeitaria Colombo e na Academia, exigindo à sua aproximação ‘vis curvaturas’ e ‘iniciações humilhantes’. É este o tema do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, cujos primeiros capítulos são publicados na *Floreal* (Barbosa, 1981, p.13).

Há controvérsias sobre a atuação direta de Lima Barreto enquanto militante anarquista, contudo, é sabido que muitas idéias desse movimento político podem ser encontradas em sua escrita. O importante é mesmo localizá-lo enquanto intelectual que pensa a igualdade entre os homens como meta a ser buscada por todos que estão envolvidos com o meio artístico e literário, pois são manifestações caras ao tolstoísmo. Um dos principais objetivos de Lima Barreto, em relação à finalidade da literatura, é priorizar o homem e as reais necessidades de uma sociedade:

É chegada, no mundo, a hora de reformarmos a sociedade, a humanidade, não politicamente que nada adianta; mas socialmente que é tudo./ Temos que rever os fundamentos da pátria, da família, do Estado, da propriedade; temos que rever os fundamentos da arte e da ciência; e que campo vasto está aí para uma grande literatura, tal e qual deu a Rússia, a imortal literatura dos Tourguênoffs, dos Tolstóis, do gigantesco Dostoiévski, igual a Shakespeare, e, mesmo do Górkí! [...] (Barreto, 1956b, p. 165-6).

Outro fator que permite localizar o interesse de João Antônio e Lima Barreto por Tolstói é a observação de suas bibliotecas. Na biblioteca pessoal de João Antônio⁵, há as seguintes obras tolstoianas: *Antologia do conto russo*, *A morte de Ivan Ilitch* e *Amo e servidor e Três novelas russas*⁶. Na biblioteca pessoal de Lima Barreto há três livros de Tolstói: *Qu'est-ce que l'Art?*, *La Résurrection* e *Les Cosaques*⁷.

Conforme aludido anteriormente, ao contrário de João Antônio, Lima Barreto destaca a importância das idéias de Tolstói para seu pensamento, principalmente no que tange à concepção de literatura. Em “O destino da literatura” – originalmente publicado em 1921 – o escritor carioca expressa seu ideário estético ressaltando, entre outros pensadores, a importância das considerações de Tolstói sobre a finalidade da arte e da literatura no contexto social. Ao tomar como suas as palavras do pensador russo – presentes em *O que é arte?* (1898) –, o escritor carioca destaca o problema da supervalorização das definições gregas de beleza enquanto critério vastamente utilizado pelos críticos e escritores de sua época. À semelhança de Tolstói, Lima Barreto aponta a incoerência de se adotar esses padrões como modelos a serem seguidos pelos artistas, pois já estariam fossilizados, não contemplando adequadamente a literatura da atualidade. Para Lima, em conformidade com Tolstói, o destino da literatura e de todas as artes deve estar comprometido com o fenômeno social primordialmente.

Ainda no mesmo texto, é interessante verificar que, para ilustrar seus argumentos sobre a beleza, Lima Barreto apresenta um resumo de *Crime e castigo*, de Dostoiévski. Até onde se sabe, esse é um dos raros momentos da obra barretiana em que o autor cede seu espaço discursivo – cerca de duas páginas – para focalizar a produção de outro escritor.

Após resumir a obra dostoiévskiana, Lima Barreto pontua que o tema de *Crime e castigo* não condiz aos critérios de beleza gregos. Desse modo, ele questiona sobre quais seriam as razões dessa obra de Dostoiévski ser bela. Para ele, esse romance apresenta considerações e questionamentos sobre a arbitrariedade do assassinato, pois mesmo sendo cometido a propósito de nobres ideais, ao matar, o indivíduo torna-se outro e perde sua própria identidade.

O escritor carioca admite que esses elementos temáticos, enquanto apenas idéias, não têm poder sobre a conduta humana se forem expostos de forma direta e impositiva. Segundo ele, é necessário que os argumentos sejam transformados em sentimentos e a arte e a literatura possuem esse poder de transposição. É preciso que o escritor utilize a técnica em favor dessa representação, tornando sua obra assimilável à memória, incorporando-se ao leitor de tal maneira que, após finda a leitura, ele tenha a sensação de já ter vivido ou refletido sobre o assunto transmitido pelo autor:

[...] a arte literária se apresenta com um verdadeiro poder de contágio que a faz facilmente passar de simples capricho individual, para traço de união, em

fôrça de ligação entre os homens, sendo capaz, portanto, de concorrer para o estabelecimento de uma harmonia entre eles, orientada para um ideal imenso em que se soldem as almas, aparentemente mais diferentes, reveladas, porém, por ela, como semelhantes no sofrimento da imensa dor de serem humanos. (Barreto, 1956b, p. 62)

Nota-se que Lima Barreto utiliza a palavra “contágio”, fundamental para o conceito de arte de Tolstói. Para o pensador russo, o objeto artístico deve transmitir sentimentos elevados que contagiem o homem, contribuindo para sua elevação moral e espiritual. Além disso, atesta-se que a idéia de arte como elo de união e fraternidade entre os homens, pressupostos básicos do tolstoísmo, também são ressaltados pelo autor carioca. Nesse sentido, é interessante verificar o posicionamento de João Antônio quanto ao papel do escritor, em entrevista a Flávio Aguiar, pois se fundamenta na concepção barretiana:

[...] Porque para Lima, a função do escritor é ‘tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação de almas individuais e do que elas têm de comum e dependente entre si’[...]. (Antônio, 1975).

Nessa citação constata-se o viés tolstoísta permeando a definição do autor paulistano. Contudo, ainda que ele não delimite a fonte primeira do pensamento barretiano, pode-se afirmar a existência de uma concepção tolstoísta em sua visão de mundo, mesmo que inconsciente. O texto “Corpo-a-corpo com a vida” (1975), de João Antônio, apresenta os elementos primordiais de seu pensamento sobre literatura e jornalismo. Neste texto-manifesto, a principal preocupação exposta pelo autor paulistano relaciona-se à necessidade tanto da literatura quanto do jornalismo de voltarem-se para a representação da realidade brasileira.

À semelhança das críticas que Lima Barreto tece em relação à literatura de sua época, João Antônio combate o fazer literário distanciado da realidade. Sob o seu ponto de vista, o maior problema da literatura brasileira reside na preocupação em se copiar modelos estrangeiros ou priorizar-se uma forma “brilhosa”, efeitos de estilo e temas sem relevância social. O autor paulistano destaca a necessidade de uma literatura comprometida com o povo e a terra, focalizando aspectos da cultura brasileira como futebol, umbanda, operariado, êxodo rural e outros temas que correspondam a verdadeiras radiografias brasileiras.

A carência de enfoque a essas realidades ocasiona a falta de conteúdo e impede o estabelecimento de uma forma literária genuinamente brasileira. Esse distanciamento poderia ser verificado na constante posição intelectualizada dos escritores de sua época, resultando na divulgação de uma falsa estética, voltada para estilos importados mal assimilados, sujeitos às classificações da crítica literária do momento.

João Antônio ressalta que o país já teve grandes escritores preocupados com temas relevantes para a sociedade, o povo e a terra brasileira, destacando os nomes de Lima Barreto, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Oswald de Andrade e Manuel Antônio de Almeida. Segundo João Antônio, esses autores:

Compreenderam uma verdade fundamental e descobriram a chave. Não é possível produzir uma literatura de heróis taludos ou de grandiosidade imponente, nem horizontal, nem vertical, na vida de um país cujo homem, está, por exemplo, comendo rapadura e mandioca em beira de estrada e esperando carona em algum pau-de-arara para o Sul, já que deve e precisa sobreviver. Logo, tais grandezas quiquiriquis [classificações literárias e temas sem vínculo social], salves-salves e loas apoloéticas tropeçam nas próprias pernas. E têm pernas curtas como a mentira. (Antônio, 1975b, p. 144)

Verifica-se que as colocações do escritor paulistano assemelham-se às de Lima Barreto ao defender a valorização dos problemas e particularidades da vida brasileira na escrita literária. É interessante observar como tais posicionamentos de João Antônio vinculam-se aos preceitos defendidos por Tolstói quando define o que é arte. Para o pensador russo, a verdadeira arte deve priorizar o contexto social no qual se desenvolve e despertar a consciência do público para questões relevantes socialmente. Assim como para os autores paulistano e carioca, o tolstoísmo não admite que definições clássicas sejam a base para a produção artística, pois isso leva ao distanciamento, inviabilizando um contágio real entre arte e público. Para João Antônio, a não aderência a temas vinculados à realidade leva a uma produção literária “[...] luso-afro-tupiniquim e deslumbrada, paupérrima e metida a sofisticada, molambenta ou faminta e querendo tomar importâncias altas e ares civilizados”. (Antônio, 1975b, p. 145)

O autor paulistano defende que a verdadeira literatura se recusa a produzir para a glória, vaidade e riso inconsequente de uma sociedade. Esses valores equivocados lembram as colocações de Tolstói acerca da arte voltada à representação de temas vinculados ao poder dominante e, mais do que isso, enaltecendo conceitos perigosos como a sexuali-

dade e degradação do sentido humano da produção artística. Assim como os valores apregoados pelo pensador russo, o escritor paulistano destaca que é necessário não apenas uma literatura voltada para a realidade, mas de um teatro, cinema e jornalismo que exponham, firmam, penetrem a realidade brasileira. Nesse sentido, afirma ainda João Antônio, a literatura da atualidade preocupa-se muito mais com enfoques como os de realismo fantástico, semiologia, supra-realismos e estruturalismos processuais enquanto os verdadeiros aspectos da vida brasileira continuam esquecidos e adiados, aguardando o interesse de comunicadores, artistas e intérpretes. O autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço* ressalta que o tipo de procedimento criativo defendido por ele não é tarefa fácil:

O caminho é claro e, também por isso, difícil – sem grandes mistérios e escolas. Um corpo-a-corpo com a vida brasileira. Uma literatura que se rale nos fatos e não que rele neles. Nisso, a sua principal missão – ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo. Corpo-a-corpo. A briga é essa. Ou nenhuma. (Antônio, 1975b, p. 146)

João Antônio destaca que para se realizar esse “corpo-a-corpo” é necessário observar problemas antigos, como a miséria e a violência, por uma nova ótica. Seria imprescindível uma postura séria do escritor, mais sensível e fecunda e, principalmente, desvincular a literatura de uma visão distanciada, privilegiando a postura participativa e atuante do escritor ou jornalista em relação aos temas e aos fatos a serem tratados. Essa participação atuante em relação aos temas também pode ser observada nas colocações de Tolstói.

Para o pensador russo, a arte só tem uma efetiva participação no contexto social quando se origina de uma visão próxima da realidade representada, ou seja, a sinceridade sobre o que se escreve é fundamental para se realizar uma arte verdadeira, que produza o contágio de sentimentos elevados aos homens. Embora os preceitos tolstoístas almejem uma elevação espiritual cristã, o que não condiz aos pressupostos de João Antônio, percebe-se a presença de conceitos similares entre os dois escritores, pois o autor paulistano delimita como ponto central da literatura o levantamento de problemas que contribuam para o melhoramento do homem, do país, enfim, da sociedade por meio de uma abordagem sincera e verdadeira. Também para Lima Barreto, o principal fator a ser considerado para que uma obra cumpra uma perspectiva positiva socialmente é a necessidade de sinceridade: “A Arte e Literatura são cousas sérias, pelas quais podemos enlouquecer – não há

dúvida; mas, em primeiro lugar, precisamos fazê-la como todo o ardor e sinceridade. Não é o canto da araponga que parece malhar ferro, mas nem sabe o que é bigorna” (Barreto, 1956b, 221).

Nesse sentido, localiza-se a universalidade dos posicionamentos da doutrina tolstoísta, cuja finalidade é a produção de uma arte que atenda às reais necessidades humanas, desprendendo-a de qualquer vinculação com os interesses da classe dominante. Na visão de Tolstói, a classe dominante é a grande responsável pelo desvirtuamento da arte por preconizar e fomentar um fazer estético que atenda ao seu próprio prazer e deleite. A partir do momento em que a arte passa por um processo de profissionalização, criou-se artistas que fomentam – por serem pagos e estudarem em escolas de arte – essa perspectiva comercial e infrutífera. Dessa maneira, houve uma perda de conteúdo, o abandono da cultura popular e o descontentamento com a vida.

Entende-se que a postura de João Antônio em relação à valorização da cultura de raiz brasileira – aspecto também relevado na obra barretiana – enquadra-se na perspectiva tolstoísta, pois tanto polemiza com a falta de conteúdo quanto com o fato da literatura ater-se, principalmente, a temas de cunho existenciais vivenciados somente pelas classes média e dominante e, portanto, distanciados dos verdadeiros problemas sociais.

Tolstói enuncia que a determinação de um fazer artístico voltado aos anseios das classes altas ocasionou a divisão dos objetos artísticos entre arte para elite e arte para o povo. Na concepção de arte elevada, voltada a ideologia dominante, se utilizam temas e formas complexas que dificultam o entendimento do povo e até mesmo de indivíduos pertencentes às altas classe sociais, visto que usam de linguagem e forma ininteligíveis. A perversidade dessa situação, conforme afirma o pensador russo, é que a massa trabalhadora, de onde provém o pagamento – via cobrança de impostos – desses artistas comprometidos com o poder vigente, torna-se impedida de usufruir dessa arte tanto por lhe ser incompreensível quanto por não poder pagar para frequentar teatros ou óperas. Os subempregados podem, no máximo, trabalhar nos bastidores sob o comando desumano de diretores e artistas que se têm em conta de pessoas superiores por realizarem uma função intelectualizada.

Essa divisão entre trabalhos intelectuais e manuais é constantemente referenciada nas obras de Tolstói que denuncia se tratar de uma manobra efetuada pelo poder dominante para manter-se na posição de comando. Porém, afirma o pensador russo, tal aspecto não passa despercebido pelo camponês ou operário que observa a incoerência entre

o fato dele trabalhar arduamente – enfrentando jornadas desumanas a troco de salários que mal lhes permitem sobreviver –, enquanto os pensadores, cientistas e artistas contam com uma vida de luxos e facilidades. Jayme Magalhães Lima, a partir dessas idéias de Tolstói, assim se expressa a respeito dessa diferenciação entre as classes trabalhadoras e as intelectuais:

Este [o povo] apenas sabe de verdade certa que, enquanto um leva o esterco para o campo ou geme curvado na officina, o outro, sábio, artista ou philospho, repousa agasalhado e repleto, quando não anda pelos bailes e pelas tabernas, jogando e bebendo entre raparigas. (Lima, 1892, p. XVI)

Essa disparidade entre os trabalhos braçal e intelectual também é um dos temas discutidos por João Antônio e Lima Barreto. O autor paulistano entende que o trabalho intelectual não tem maior valor do que o braçal. Ambos os tipos de ofícios são úteis à sociedade, o mais importante é que o homem se sinta realizado profissionalmente⁸. Ao tratar do acesso à arte pelas classes marginalizadas, João Antônio argumenta que se trata de uma injustiça o fato de se supor que a arte não possa atingir a sensibilidade de quem não teve acesso à educação. Para ele, a verdadeira arte atinge todas as esferas da sociedade, desde as subclasses até a elite.

Esse contágio da obra verdadeiramente artística, também defendida por Tolstói, localiza-se no pensamento de Lima Barreto. No texto “Amplius”, originalmente publicado em 1916, o autor carioca, em resposta às críticas recebidas sobre a presença de técnicas do jornalismo em seu romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), argumenta que o mais importante é a mensagem a ser transmitida. Ele diz não priorizar linguagem e forma prolixas que possam dificultar o alcance de sua escrita por todas as faixas sociais. Ao tratar de temas que transmitam suas angústias, ele espera atingir o público leitor com as suas preocupações e sofrimentos de modo a auxiliar na construção de uma humanidade fraterna.

Ainda no mesmo texto, Lima Barreto, ao comentar a afirmação de um leitor quanto à falta de amor romântico em suas obras, afirma que na obra de grandes mestres modernos como Balzac, Tolstói, Turgue-niev, Dostoiévski o amor localiza-se, quase sempre, em segundo plano. Acima de tudo, o principal foco de atenção desses escritores é o homem e assim deve ser para todo aquele que se propõe ao ofício literário: “[...] difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma

maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm de comum e dependente entre si". (Barreto, 1956c, p. 33)

Percebe-se na diferenciação efetuada por Lima Barreto a perspectiva de um amor universal que não se limita à focalização das relações amorosas entre os sexos, pois isso ocasionaria uma visão limitada. Esse mesmo posicionamento pode ser verificado no pensamento de João Antônio, apresentado em entrevista a Montserrat Filho, ao dizer que o escritor:

[...] não pode deixar de se infiltrar nesta luta [representar a realidade centrando-se no homem], porque no fundo, ela procura um dos objetivos fundamentais da literatura ou de qualquer arte ou meio de expressão que possa merecer esse nome - substituição de falsos valores, por valores mais verdadeiros; a busca da justiça e da igualdade, num mundo dividido pelas injustiças e pelas desigualdades; a substituição de posições saturadas e perniciosas por outras, novas e mais condizentes com a dignidade humana. Não fosse assim, toda a história da literatura estaria equivocada, pois, o ponto central de preocupações da arte literária é o homem e não os ismos, as escolas, as modas, os brilharecos e os embelecos mentais. (Antônio, 1975)

Observa-se que o elemento fundamental dos pensamentos de João Antônio e Lima Barreto relaciona-se, em grande medida, aos pressupostos do tolstoísmo. Para Tolstói, conforme já enunciado, a arte deve contribuir para um homem e um mundo melhores. O artista deve preocupar-se com a realidade de sua sociedade e trazer à cena artística criações que contribuam para as elevações moral e espiritual humanas. Ressalta-se que a perspectiva religiosa da arte defendida pelo pensador russo não é localizável nos posicionamentos dos dois escritores brasileiros, mas as concepções gerais de amor ao próximo, portanto universal, e de um senso ético em detrimento do estético está estabelecida, conforme as considerações apresentadas.

É interessante observar que no texto de Lima Barreto, "O destino da literatura", anteriormente comentado, onde ele se posiciona afirmativamente sobre a concepção tolstoísta de arte, não há considerações sobre o viés religioso presente nas idéias de Tolstói. Entretanto, o sentido cristão universal preconizado pelo pensador russo é o principal foco da abordagem do autor carioca em relação ao tolstoísmo. Por sua vez, João Antônio, mesmo não enunciando diretamente o viés tolstoísta de sua literatura, também agrega como critério fundamental de seu ofício de escritor a idêntica valorização do homem defendida pelos escritores carioca e russo.

Os valores explicitamente cristãos e religiosos presentes em Tolstói ganham outros matizes em Lima Barreto e João Antônio. Até onde se sabe, eles esvaziam o lado ‘religioso’ em função de paradigmas anarquistas e socialistas que, em intensidades diferentes, permearam o século XX. João Antônio configura-se como um tolstoísta inconsciente, mas o fato de seu pensamento corroborar em muitos aspectos com a filosofia de Tolstói permite afirmar que a presença do tolstoísmo no Brasil firma-se, na produção literária brasileira não apenas no início do século XX, mas alcança, pelo menos, a última década deste século, conforme atesta a produção estética do escritor paulistano.

Enquanto fundamentação ideológica ou visão de mundo, João Antônio acreditava ser barretiano todo o tempo. Prova disso, são as dedicatórias de seus livros dirigidas a Lima Barreto. Porém, na verdade, uma de suas bases fundamentais está em Tolstói. E ele não sabia disso.

Notas

1. Trecho de carta de Tolstói à sua prima Alexandra In: GILLÈS, Daniel. *A vida de Tolstói*. Trad. João Pedro de Andrade. Lisboa: Estúdios Cor, 1962. (p. 137)
2. Metzfel, Boris. *Tolstói*. Paris: Éd. Jules Tallandier, 1950.
3. Fala do personagem padre Sérgio, no Filme *Noites com sol*, baseado na obra homônima de Tolstói. Irmãos Taviani. Versátil Home Vídeo, 1990.
4. Pesquisa de pós-doutorado em desenvolvimento na UNESP/ Assis, sob incentivo da FAPESP.
5. A biblioteca pessoal de João Antônio está alocada no Acervo João Antônio, UNESP/ Assis.
6. *Antologia do conto russo* - vol. IV. Trad. Ana Weinberg e outros. Rio de Janeiro: Lux, 1961. *A morte de Ivan Ilitch e Amo e servidor*. Trad. Gulnara Lobato M. Pereira. São Paulo: Saraiva, 1963. TOLSTOI; PUSHKIN e TURGUENIEV. *Três novelas russas*. Trad. Marques Rebelo. Rio de Janeiro: Pongetti, 1961.
7. Não há referências completas sobre as fontes. Informações obtidas na obra *A vida de Lima Barreto*, de Francisco de Assis Barbosa, 1952, p. 348-370.
8. Segundo João Antônio, “[...] Todo mundo tem que ser doutor tem que ser bonito, elegante. Não é nada disso. Há pessoas que detestam o estudo, este estudo livresco, gostam de lidar com mecânica, e daí? Que essas pessoas façam sua mecânica, elas não ficam melhores ou piores por causa disto. O homem tem que fazer a sua coisa, e a nossa educação não está liberando isso”. (SEM AUTOR. “João Antônio” *Oráculo*. São Paulo: Oráculo, s.d.).

Referências

- AGUIAR, Flávio. “Um escritor na República das Bruzundangas”. São Paulo: *Movimento*, 14 de julho de 1975a.
- ANTÔNIO, João. “Corpo-a-corpo com a vida” In: *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975b.

- BARBOSA, Francisco. "Lima Barreto, precursor do romance moderno" In: *Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, v.42, nº. 3. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 1981.
- _____. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.
- BARRETO, Lima. "Amplius!" In: *Histórias e sonhos*. São Paulo: Brasiliense, 1956c.
- _____. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Brasiliense, 1956a.
- _____. "O destino da literatura" In: *Impressões de Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956b.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- "JOÃO Antônio, com nova obra". *Diário de São Paulo*. São Paulo, 18 jan 1976.
- LIMA, Jayme. *As doutrinas do conde Leão Tolstói*. Porto: Luga & Genelioux, 1892.
- MONTSERRAT FILHO, J. "Ministro tem medo de escritor?" S/L: *Crítica - Caderno Artes e Letras* 5 de maio de 1975.
- TOLSTÓI, Leon. *O que é arte?* São Paulo: Experimento, 1994.
- VERÍSSIMO, José. *Homens e coisas estrangeiras: 1899-1908*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.